

ABEM: 20 anos de construção coletiva para a consolidação do ensino de música no Brasil¹

ABEM and music education in the XXI Century:
contextualizing the meaning of dynamic network

resumo

O texto apresenta uma narrativa sobre a Associação Brasileira de Educação Musical - ABEM, criada no início da década de 1990. Reinterpretações são delineadas visando contribuir para o registro da história da Educação Musical brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: ABEM, Dados sobre fundação, Presidentes da ABEM

abstract

The text presents a narrative about the Brazilian Music Education Association – ABEM, created at the beginning of the 1990's. Reinterpretations are delineated aiming to contribute for the history of the Brazilian music education.

KEYWORDS: ABEM, Foundational data, Presidents of ABEM

A Associação Brasileira de Educação Musical comemora seus vinte anos! Trabalho coletivo, aguerrido, solidário, ágape. Sua criação? Salvador, Bahia, em meio a evento de pesquisa, congregando pioneiros na luta para consolidar a música no sistema educacional brasileiro e nos programas federais de apoio ao ensino e à pesquisa em música. Ano 1991: período mágico, após um longo tempo de escuridão polivalente e dispersão social. Pós-graduados, artistas e professores unidos para um ensino musical de qualidade, gritando pelo suporte governamental através de uma política com equidade de formação em música no país.

1. Conferência de abertura apresentada no XX Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical, realizado na cidade de Vitória, Espírito Santo (6-11 de Novembro de 2011).

O contexto da época: anos 1990

Nem todos viam a idéia da criação de mais uma associação na área de música como uma possível solução para garantir uma visão política governamental, com orçamentos e apoios federais ao trabalho realizado nos cursos superiores universitários, desde quando “música se aprende nas ruas” e “quem não toca, ensina”. Colegas sussurravam para outros que outras associações já haviam sido criadas e não tiveram continuidade. Na época, muitos ingressavam nos cursos de licenciatura como trampolim para os cursos de interpretação ou composição musical. Cursos superiores tinham algumas dificuldades em motivar e receber indivíduos para uma formação musical. Predominava a visão dos professores de que alguns com menos conhecimentos poderiam ter um acesso mais facilitado na universidade ingressando através do curso de preparação de professores de música.

Nas escolas da rede pública pós-canto orfeônico, o silêncio da música² era notado, pois a polivalência havia tornado as aulas de educação artística aulas de desenho e outros assuntos. Diálogo e discussão acadêmica emergiam em torno da qualidade, dos saberes e objetivos da formação superior para professores de música e também para instrumentistas, compositores, regentes, cantores. Eram turbilhões de idéias, em contrapontos irracionais. Alguns graduados

(poucos) voltavam para o Brasil com novos saberes, títulos de pós-graduados, porém socialmente dispersos e desconectados com colegas e instituições receptoras.

Em meio desse cenário, um pequeno grupo de pós-graduados, liderados pela Dra. Ilza Nogueira, criou a ANPPOM – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, que inicialmente supriu o espaço de reflexão para a pesquisa, o ensino e a extensão dos vários cursos superiores de música. Assim sendo, foram abertas possibilidades de reflexão sobre a produção das diferentes sub-áreas da Música.³ Porém, alguns dos assuntos importantes para a sub-área de Licenciatura em Música ficavam sem aprofundamento por falta de espaço político e de presenças representativas de professores. Porém, o momento da ANPPOM serviu de modelo.

Professores de música defendiam cursos específicos na área de música para formação de professores como uma alavancada na qualidade e no reconhecimento da sub-área de educação musical no sistema federal. Vislumbrava-se uma formação de professores de música (educadores musicais) que pudessem trabalhar de forma inclusiva, criativa e não restritiva em termos estéticos e metodológicos. Nessa educação musical proposta pelos que defendiam a criação de uma associação representativa no país, considerava-se não apenas o tipo de formação de professores, mas também os métodos, os repertórios e também a variável da dimensão geográfica do Brasil e das diferenças regionais.

2. Ver livro de Rosa Fuks. “O discurso do silêncio”. Rio de Janeiro: Ene livros Ed. Ltda., 1991.

3. No presente texto, nos referimos à área de Música, e sub-áreas, respectivamente: Licenciatura em Música, Composição, Regência, Canto, Instrumentos, Musicologia, Etnomusicologia. A oferta de cursos universitários nas sub-áreas dependem da dimensão que cada Universidade queira dar aos cursos.

Assim eram pensadas formas curriculares que fossem inclusivas, que contemplassem indivíduos e saberes que pudessem contribuir para alavancar o ensino de música no país, integrando no processo, não só os pós-graduados e professores, mas também músicos, artistas, compositores, famílias, produções artísticas, empresas, mestres da cultura popular e as várias organizações da sociedade. Note-se que essa discussão teórico-prática ainda está presente até os dias atuais na elaboração de projetos político-pedagógicos para os cursos superiores em música e nos currículos das escolas da rede de ensino brasileira, pois a memória do percurso da reflexão sobre a educação no país é facilmente esquecida ou mesmo desprezada pelas substituições precoces dos recursos humanos, pelas políticas corrosivas, pela falta de escuta, de reflexão acadêmica e artística dentro do sistema educacional e dentro dos próprios eventos organizados pelos profissionais das diversas sub-áreas.

A Associação Brasileira de Educação Musical – ABEM foi criada em Salvador, Bahia, em 1991. O evento que serviu de suporte político-acadêmico para a criação da ABEM foi o “Simpósio Brasileiro de Música”, coordenado pelo Dr. Manuel Veiga, organizado por um grupo de professores durante a gestão do então diretor da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, compositor Paulo Costa Lima. Foi realizado com apoio da CAPES e do CNPq, bem como da instituição local (UFBA). O Simpósio incorporou na sua programação, um evento anual que já era realizado desde 1980 na Escola de Música da UFBA por esta autora, intitulado “Semana de Educação Musical”, um evento que atraía muitos professores de música da comunidade acadêmica de Salvador. Em 1991 estava sendo organizada a “VII Semana”, realizada onze anos após a criação desse evento na Escola de Música da UFBA. No contexto da

época, já aconteciam cursos de atualização de professores, porém com o perfil de oferecimento de técnicas, canções e estratégias de métodos ativos de educação musical. A novidade incorporada ao evento intitulado “Semana de Educação Musical” foi a inclusão de discussões coletivas sobre temas de interesse para os professores de música que trabalhavam na rede escolar, o convite a lideranças musicais que atuavam em diferentes espaços e gêneros musicais, assim como a inclusão de propostas que trabalhavam com composição, inovação e cultura brasileira. Era um perfil mais abrangente em termos de incluir saberes de outras sub-áreas da música. As “Semanas” tinham por objetivo apresentar e discutir temas e problemas relevantes em educação musical na Bahia e no Brasil, além de oferecer mini-cursos de atualização no ensino de música em vários níveis escolares. O leitor pode encontrar no livro de Piero Bastianelli “A Universidade e a Música: uma Memória 1954-2004” o registro dos principais eventos na área de música no âmbito da Universidade Federal da Bahia. Nele se encontram as programações e a descrição das “Semanas de Educação” realizadas no período de 1980 a 1999. Em resumo:

A proposta inicial da “Semana de Educação Musical” foi elaborada em 1980 pela professora Alda Oliveira, na então Escola de Música e Artes Cênicas da UFBA, durante o “Festival de Arte Bahia” e posteriormente incorporada às atividades do Colegiado do Curso de Licenciatura em Música da Escola de Música da UFBA. O principal objetivo da “I Semana” foi o de abrir o leque de opções de trabalho para o educador musical e desmistificar a concepção de que este profissional apenas lida com a iniciação musical a nível elementar, e principalmente com crianças.... Em 1981, a “II Semana de Educação Musical”... aos encontros que na I Semana tiveram o caráter e a estrutura de aulas práticas com demonstrações, foram assicadas comunicações dos participantes que motivaram bastante o intercâmbio de experiências....Também neste

ano foi redigido um “Manifesto” para divulgação a nível estadual e nacional⁴ (pp. 229-232)

A “Semana de Educação Musical” foi idealizada na época em que o compositor Ernst Widmer organizava o “Festival de Arte Bahia”, em 1980. Estimulador que era da educação musical, Widmer, que foi o nosso professor orientador no curso de Licenciatura em Música, apoiou de imediato a idéia. Tínhamos diversos antecedentes e modelos de cursos, oficinas, encontros já realizados pela Escola de Música da UFBA em outras sub-áreas. Em educação musical, a Associação de Professores de Música da Bahia, a APEMBA, já havia realizado cursos muito interessantes em Salvador, centrados no método Willems. Widmer e os compositores do Grupo de Composição da Bahia estimulavam muito a criatividade e a inovação na composição e no ensino de música. Na primeira “Semana” (1980) a programação incorporou cursos e oficinas em criatividade, em técnica vocal, em iniciação instrumental ao violino, em rítmica, em canção na educação musical e em metodologia do ensino de música com inter e multidisciplinaridade. Como Coordenadora do Colegiado do Curso de Licenciatura em Música, propomos a realização das “Semanas” por esse órgão universitário, visando contribuir para uma qualificação mais aprofundada e um fórum de debate político para professores de música. Em 1981, a “II Semana” ofereceu aulas e oficinas em folclore brasileiro, o brinquedo na educação, trabalho com excepcionais, programa didáticos em extensão universitária, problemas da

educação artística, composição em grupo, iniciação instrumental ao piano, etnomusicologia e educação musical, além da inserção no evento de comunicações e comentários sobre os trabalhos por eles na rede de ensino escolar e comunitária feitos pelos participantes. Além dessas atividades educativas e de caráter formativo, eram incluídas apresentações didáticas e artísticas nas várias especialidades da música, vista de forma abrangente e inclusiva. Essa prática artística motivou muito o intercâmbio de experiências entre docentes e alunos do curso de Licenciatura, de forma que as “Semanas” continuaram sendo realizadas por vários anos no âmbito da Escola de Música da UFBA. O número de participantes oscilava entre 100 e 300 pessoas.

Embora pouco ambiciosa em termos de abrangência nacional, a “Semana” pode ser considerada a semente geradora da ABEM. A organização das “Semanas” convidava vários professores da universidade que estavam fazendo propostas inovadoras, organizava discussões em grupos em torno da problemática do ensino de música no país e de outros assuntos relevantes para o ensino de música, redigia e divulgava manifestos políticos em prol da música nas escolas, congregando convidados do setor político (vereadores, deputados estaduais e federais, secretários de educação, etc.) e do setor educacional (professores de áreas afins), organizava e inseria apresentações musicais variadas, sem preconceitos e tendenciosidades estilísticas, visando ampliar as experiências musicais dos professores de música. A Semana

4. Manifesto distribuído aos políticos e órgãos do governo escrito pelos educadores musicais durante a II Semana de Educação Musical da UFBA: “Diante do quase total desprezo pela Educação Artística no país, nós, professores de música, manifestamos a nossa crença na educação através da arte: é através dela que o Homem expressa a sua individualidade. Torna-se imperioso e urgente que as instituições de ensino estimulem programas de arte para todos os estudantes, qualquer que seja a condição sociocultural, promovendo o trabalho artístico em sala de aula e na comunidade, ampliando seus recursos destinados para tal fim. O corte de verbas para a área de artes parece ser sempre uma economia bastante atrativa para os órgãos competentes. Acreditamos que o estudante brasileiro necessita de um currículo equilibrado onde as artes façam parte da experiência global do indivíduo, levando-o a desenvolver atividades que lhe permitam uma realização plena. Salvador, 7 de agosto de 1981”

de Educação Musical da EMUS/UFBA era símbolo de abertura em todos os sentidos, pois oferecia conhecimento em profundidade e amplitude de teorias, saberes e experiências didáticas para todos. O convidado internacional da sub-área de educação musical da “VII Semana” foi o Dr. Keith Swanwick, professor do Instituto de Educação de Londres, Inglaterra.

Em meio a um cenário que acolhia, sob os auspícios do CNPq, da CAPES, da UFBA/EMUS, muitos convidados de várias regiões do país e do exterior, foi realizada a Assembléia Geral que tinha como um dos objetivos fundar uma associação nacional composta por professores de música, cujo nome seria Associação Brasileira de Educação Musical. A movimentação política para conseguir esse objetivo foi intensa e contou desde o início, com a participação de pessoas de várias especialidades, várias instituições e de várias regiões do país e do exterior. Ou seja, houve um movimento convergente sócio-político em que profissionais, embora de saberes e ofícios distintos, conseguiram chegar a uma concordância no que se referia ao ensino e à formação de professores e da população brasileira em todos os níveis de educação, além de reconhecerem que havia chegado um momento no qual teriam de organizar-se para tornar a luta pela educação musical vitoriosa.

A primeira Diretoria eleita (1991-1993) foi: Alda de Jesus Oliveira (Presidente), Cristina Tourinho (Tesoureira), Ana Margarida Lima e Lima (1º. Secretário) e Elena Escariz (2º. Secretário). Conselho Diretor: Anamaria Peixoto (Região Norte), Ilma Lira (Região Nordeste), Glacy Antunes de Oliveira (Região Centro-Oeste), Carlos Kater (Região Sudeste) e Leda Maffioletti (Região Sul). Conselho editorial: Raimundo

Martins (UFRGS, editor), Vera Cauduro, Jusamara Souza, Rosa Fuks, Diana Santiago. Essa Diretoria foi re-eleita com as seguintes mudanças para (1993-1994): Liane Hentschke (1º. Secretário), Diana Santiago (2º. Secretário). Conselho editorial: Raimundo Martins, Rosa Fuks, Ilza Nogueira, Irene Tourinho e Esther Beyer. Diretorias regionais: Ana Guiomar de Souza (Região Centro-Oeste).⁵

Após a fundação, o desafio era determinar onde seria o primeiro encontro nacional da ABEM, assim como angariar o apoio federal do CNPq, pois não tínhamos ainda respaldo político para solicitar verbas para o evento. Tínhamos criado a ANPPOM, que já começava a ter o seu lugar na lista de instituições a serem apoiadas com fundos do governo federal. Mas a ABEM foi a primeira associação a ser criada em sub-área específica. Portanto, seria muito difícil conseguir ser também beneficiada pela política governamental. Porém, ao final, conseguiu-se o apoio do CNPq, que tem sido fundamental para a consolidação da educação musical como sub-área no país. Deve-se muito ao CNPq por ter acreditado nas pessoas que estavam na frente da diretoria da ABEM e por ter incorporado a educação musical no programa de apoio às sub-áreas de conhecimento da música.

A Diretoria da ABEM escolheu o Rio de Janeiro para sediar o primeiro encontro anual, não somente por toda a sua trajetória musical e tradição acadêmico-musical, mas também pelas facilidades apresentadas, pela representatividade de alguns dos profissionais na área e pela iniciativa da coordenadora do evento, a professora Rosa Fuks. Uma grande equipe foi instalada pela coordenadora para organizar o evento, seguindo no entanto, uma

5. Para obter mais informações sobre todas as diretorias, o leitor pode consultar o capítulo do livro “Educação Musical no Brasil” escrito por Sergio Figueiredo e Alda Oliveira (Salvador, 2007: p. 56-57).

visão mais inovadora que se diferenciava dos cursos de formação de professores e dos festivais de música, que na época, ainda serviam de modelos. O evento deveria inaugurar o seu foco na apresentação de trabalhos de pesquisa, diferente do que se vinha realizando em educação musical no país, na época. Esse modelo diferenciado suscitou muitas discussões sobre o perfil do I Encontro Anual da ABEM, a ponto de algumas personalidades questionarem o sucesso do evento caso os organizadores mudassem o perfil de organização de cursos de atualização de professores para tornar-se um evento de divulgação e debate sobre pesquisas na área de conhecimento.

Mas finalmente conseguiu-se manter o foco do evento no tripé pesquisa em formação pedagógica do educador musical, pesquisa em extensão cultural e musical na escola e pesquisa na formação musical do educador musical. Assim, o objetivo do evento terminou sendo tanto na teoria como na prática do ensino de música em todos os níveis de ensino, ou seja, infantil, básico e superior, assim como na pedagogia dos mestres da cultura popular, incluindo apresentações artísticas das mais variadas. O convidado internacional foi o Dr. David Hargreaves, da Inglaterra, que era na época, membro da Comissão de Pesquisa da *International Society for Music Education - ISME*. Desde o primeiro encontro, apresentações musicais incluíam desde corais infantis, a orquestras sinfônicas, choros, música de câmara clássicas e modernas e outros tipos. Discussões incluíam desde métodos de ensino de música tradicionais até os métodos alternativos.

Nota-se desde o início da ABEM que havia uma integração entre profissionais dos gêneros masculino e feminino, entre saberes e formação de especialidades dentro do campo musical. Nesse momento especial, as barreiras de conhecimentos dentro da área musical foram momentaneamente postas de lado para que o

saber pedagógico e a luta pelo ensino de música fosse acentuado. Os participantes queriam compartilhar as suas visões educativas e políticas, usando os seus saberes e talentos em prol do crescimento de outros tantos brasileiros que precisavam aprender e fazer música.

Participaram desse momento figuras marcantes da vida musical brasileira desde a criação até a realização dos primeiros encontros anuais da ABEM. As pessoas perceberam com consciência, que o apoio à iniciativa significava um voto de confiança na proposta político-acadêmica da volta da formação específica em música, no ensino de música na escola através de ações coletivas para a consolidação da área de educação musical no país. Esse suporte foi fundamental para que, em poucos anos, despontassem publicações e eventos regionais da ABEM em algumas cidades do país, com o desenvolvimento de trabalhos de cunho reflexivo, sistemático e inovador, centrados na cultura brasileira, no desenvolvimento do conhecimento sistemático sobre o ensino de música nos vários contextos e na educação continuada de professores.

A visão editorial desenvolvida pelas primeiras diretorias da ABEM foi tornando a associação respeitada e divulgada em todo país. Até os dias atuais, a ABEM tem mantido e desenvolvido essa visão editorial que tem dado sustentação à organização, com o foco no tripé ensino e formação pedagógica, pesquisa e extensão cultural e artística. Os resultados da seriedade do trabalho editorial presente nas diretorias da ABEM ao longo dos anos têm contribuído decisivamente desde o início para a qualificação dos professores de música e seu desempenho profissional nas várias frentes de trabalho. Destacam-se a série Fundamentos da Educação Musical, a Revista da ABEM, os Anais dos Encontros Anuais, além de outros trabalhos resultantes desse movimento, como o livro "Educação Musical no Brasil" que graças

ao trabalho diversificado da ABEM, pode contar com artigos de todos os estados brasileiros, coisa que nunca antes havia sido realizado no Brasil.

ABEM: Construção Coletiva

Presidentes, Diretorias, associados, instituições de ensino, governos, artistas e organizações da sociedade civil têm contribuído para a causa da ABEM. Essa dedicação tem sido fruto de um espírito de coleguismo, bom relacionamento, articulação pessoal e sensibilidade à causa pública em música. Gostaríamos de mostrar fotos de todas as Diretorias, completas. Mas, devido à variável espaço/tempo e também à falta dessas fotos coletivas de diretorias, nomearemos somente os presidentes que trabalharam para a ABEM até os dias atuais.

Alda de Jesus Oliveira • Como já foi mencionado antes, a primeira presidente foi esta autora, Alda de Jesus Oliveira (Universidade Federal da Bahia), que ficou no cargo por quatro anos. O trabalho inicial dessa diretoria foi de instalação da estrutura da organização e da visão político-acadêmica dos principais programas, produtos e eventos. O perfil dos encontros foi instalado, visando apoio do CNPq para publicações e eventos. O Informativo da ABEM manteve o contato personalizado com os associados e ajudou a fazer as pontes entre a ABEM, os associados e as várias instituições. Os Anais e a série Fundamentos da Educação Musical foram produzidos através de um sistema de colaboração entre universidades. Nessa gestão, a ABEM aproximou-se da ISME, tendo sido escolhida como representante da ISME na América Latina. Foram feitos os primeiros contatos para realização em Salvador, Bahia, do I Encontro Latino-Americano da ISME, com a parceria da ABEM.

Raimundo Martins • Após a nossa atuação, foi eleito Raimundo Martins (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), que já era editor no conselho editorial da primeira Diretoria da ABEM. A importante parceria desenvolvida entre Raimundo Martins, como editor do PPGMUS da UFRGS e a Diretoria da ABEM instalada na Bahia, possibilitou um grande apoio institucional para várias publicações da ABEM, dando visibilidade à produção da sub-área.

Vanda Bellard Freire • A gestão da presidente Vanda Bellard Freire (Universidade Federal do Rio de Janeiro), da Universidade Federal do Rio de Janeiro foi durante um fértil período de quatro anos, onde se destaca o trabalho de consolidação dos eventos regionais da ABEM. Esses encontros regionais foram prestigiados pela diretoria e assim, aconteceu um positivo processo de criação de grupos de estudo, de democratização das decisões e divulgação nacional dos temas em discussão na área para os encontros anuais realizados em cidades estratégicas no país. Até os dias atuais, os encontros regionais têm sido fundamentais para discussões sobre os temas de maior interesse entre as regiões do país.

Jusamara Souza • Após Vanda Lima Bellard Freire, assume Jusamara Souza (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), que levou à frente o trabalho de apoio ao crescimento e consolidação das ações democráticas, tanto no âmbito acadêmico, como no político. O grande destaque é o trabalho editorial desenvolvido. Além disso, essa diretoria estimulou os encontros regionais, com a inovação de implantar o foco da ABEM na formação de professores de música. Os eventos ampliaram o leque de opções de grupos de trabalho e de mesas de discussões e debates em várias especialidades dentro da sub-área, além do que, o prestígio político da associação cresceu no âmbito dos Forums de

Cultura do Ministério da Cultura, realizados em nível nacional, onde a educação musical passou a ter voz e acento político.

Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo •

Em seguida, assume Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo (Universidade Estadual de Santa Catarina), que destacou na sua gestão o apoio aos eventos regionais da ABEM, à formação de docentes incluindo uma importante discussão sobre a necessidade do trabalho com os professores generalistas no ensino de música no país. Durante a gestão do professor Figueiredo, além da continuidade às demais linhas de trabalho associativo no nível internacional junto à ISME, a diretoria deu estímulo à produção de materiais didáticos para o professor da rede de ensino no país, com destaque para a Revista Música na Educação Básica. Os primeiros passos em direção à inclusão de conteúdos de música no currículo escolar brasileiro foram dados.

Magali Kleber • A atual presidente da ABEM, Magali Kleber (Universidade Estadual do Paraná), tem cumprido o papel articulador político-acadêmico da ABEM no contexto brasileiro e internacional, mantendo a produção e as metas até então planejadas e realizadas. É na diretoria de Kleber que está se comemorando uma das maiores vitórias da ABEM, que é o início da inserção obrigatória de conteúdos de música nos currículos escolares, uma luta coletiva, vitoriosa, que durou 20 anos. A gestão tem dado apoio e continuidade à produção de materiais editados, conseguindo elevar a classificação da Revista da ABEM no sistema federal de classificação das publicações científicas das áreas de conhecimento da CAPES. Esta diretoria está organizando, junto à professora Liane Hentschke (presidente do evento), o Congresso da ISME no Brasil, que será em 2014.

Essas tres últimas diretorias dedicaram-se especialmente à articulação política com todos os níveis e tipos de organizações públicas e privadas da sociedade brasileira, visando elaborar planos, realizar, manter, avaliar e aprimorar os planejamentos e realizações relacionados à educação em música, inclusive da educação de professores à distancia.

Conquistas e horizontes da ABEM

Como movimento da volta da música à escola, a ABEM tem publicado e apoiado a divulgação de materiais didáticos atualizados, com base em resultados de pesquisas e práticas bem sucedidas de ensino. O trabalho coletivo de construção da área tem tido resultados satisfatórios na prática, pois aumentou a quantidade de associados à ABEM, contando com profissionais dedicados ao ensino de todos os níveis (infantil, básico, superior e pós-graduação). Dentre as vitórias estão a aprovação da lei que torna obrigatório a inclusão de conteúdos curriculares das escolas, houve um crescimento do interesse de pessoas e músicos de outras sub-áreas da música pela carreira docente, houve um aumento do número de cursos superiores em licenciatura em música nas instituições de ensino superior. Isso tem contribuído para que o nível de interação inter-áreas de conhecimento dentro da esfera educacional tenha crescido substancialmente, tornando a educação musical brasileira numa área respeitada e produtiva em todo país.

Em termos internacionais, a ABEM tem conquistado o seu espaço, sendo representante da ISME na região latinoamericana desde a sua primeira diretoria. A partir desses contatos, alguns associados já trabalharam na esfera político-administrativa da Sociedade Internacional de

Educação Musical (ISME), o que deu margem ao aumento de profissionais associados a apresentar trabalhos fora do país, ao aumento de publicações de brasileiros no exterior e à eleição de uma brasileira como presidente da ISME, Liane Hentschke. Durante a sua gestão, houve na ISME um maior relacionamento entre instituições públicas e privadas e uma grande renovação interna dos procedimentos administrativos da organização. O engajamento de professores brasileiros na ISME tem aumentado a partir dessa conexão internacional. Embora o reconhecimento acadêmico e o uso de resultados de pesquisadores brasileiros nos trabalhos científicos da área seja ainda limitado à região latinoamericana, já se começa a perceber a participação de educadores musicais brasileiros em congressos e revistas internacionais. Um dos legados de Hentschke é a realização no Brasil do próximo Congresso Mundial da Sociedade Internacional de Educação Musical (ISME) em 2014, que terá a participação efetiva da ABEM e de seus associados.

Testemunhos do reconhecimento do papel positivo da ABEM têm sido feitos pela Sociedade Internacional de Educação Musical (ISME) e por professores e pesquisadores de diversos países. Muitos têm reconhecido a sintonia de propósitos da ABEM em termos de geração, produção e compartilhamento democrático do conhecimento na área e do desempenho político nas horas mais difíceis do cenário nacional e internacional. Exemplos não faltam: o I Encontro Latino-Americano ISME/ABEM (1997), a eleição de uma presidente brasileira para a ISME, a criação da Comissão de Artes e de Música na SESU/MEC⁶, a ABEM representada no MINC, a

ABEM inserida nos Forums de Cultura do MINC/MEC, o crescimento dos Encontros Regionais em todo o Brasil, os subsídios orientadores para as novas Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos Superiores de Artes e de Música, os documentos criados para os novos sistemas de avaliação de cursos superiores de música no país, a atitude vigilante da ABEM para os Editais de Concursos públicos para ingresso de professores nas escolas de Estados e Municípios, a atitude vigilante e batalhadora para a aprovação e implantação da nova lei de inclusão dos conteúdos de música nos currículos das escolas, a ABEM representada no INEP, o vasto leque de cursos promovidos, publicações em língua portuguesa com fácil acesso à população e sobretudo, a grande participação dos seus membros associados nas principais decisões tomadas. Grandes e pequenas ações testemunham o papel positivo da ABEM e de seus membros ao longo desses vinte anos de existência!

Comemorando esses vinte anos de trabalho, segue a ABEM no caminho para o futuro. Sendo o Brasil um país com uma diversidade musical muito grande, precisa compartilhar as experiências musicais apresentadas nesse arco-íris multicolor para todos os seus cidadãos, oferecendo oportunidades de desenvolvimento e formação musical e artística desde cedo, mas não somente às crianças, também para todas as idades, instituições e espaços sociais. O processo de educação musical inclui tanto a educação em música como educação através da música. A democracia é oportunidade que o sistema político-acadêmico nos permite escolher as opções que são oferecidas entre

6. Ver capa do relatório final do I Seminário sobre o ensino superior de Artes e Design no Brasil, organizado pela Comissão de Especialistas de Ensino de Artes e Design – CEE-ARTES do MEC, em Salvador, Bahia (1997), composta pelos seguintes professores: Alda Oliveira (presidente), Liane Hentschke (secretária), José Adolfo Moura, Indrid Koudela e Gustavo Amarante Bonfim.

as múltiplas ofertas, e não a obrigatoriedade de ter de fazer apenas uma só possibilidade. O estímulo contínuo ao espírito democrático na ABEM é muito importante para a sobrevivência da associação, especialmente para possibilitar a renovação das diretorias, das discussões temáticas, do desenvolvimento da colaboração entre as sábias lideranças que estimulam os trabalhos dos grupos, fazendo com que os indivíduos cresçam sem as competições vazias que só fazem corromper os trabalhos de equipes produtivas.

A educação musical precisa ser vista como um processo contínuo e todos precisam ter acesso, especialmente na idade escolar. As escolas precisam oferecer programas abrangentes e progressivos, desenvolvidos por professores, artistas, familiares ou mestres da cultura popular que detenham os saberes necessários para desenvolver uma formação musical adequada para desenvolver os talentos que cada um tem dentro de si. A música pode ser uma forma de capacitar o jovem para o mercado de trabalho. As ONGs podem ter um papel importante nesse setor, assim como as escolas técnicas e os cursos de especialização nas escolas superiores. O importante é que existam locais e programas onde as pessoas tenham várias possibilidades de estudo e de trabalho com música para que possam desenvolver-se, com iguais oportunidades de escolha para todos. Porém a escola é o local mais apropriado para que os cidadãos e professores de música compartilhem os saberes que a sub-área de conhecimento tem acumulado e produzido ao longo dos tempos. Daí a relevância da obrigatoriedade legal dentro do sistema educacional da inserção de conteúdos musicais nos currículos escolares a partir de agora.

Perspectivas positivas e desafiantes estão nessa rota. Falta de professores, pouco tempo para o ensino, ausência de materiais na sala de aula, desarticulação entre teoria e prática, inseguranças na formação musical e metodológica, questionamentos sobre o que fazer dentro do currículo pedagógico escolar, e outros problemas de comportamento, drogas, relacionamentos sociais e comunitários dentre outros. Esse é o panorama geral da educação no país. Mas sabemos que a felicidade é uma conquista diária, permanente. Portanto, ter a inclusão de conteúdos de música nos currículos das escolas é uma ocasião para festejo, sim.

A garantia legal da presença da música na instituição escolar nos remete a um caminho mais sólido e promissor para o profissional da educação musical no Brasil. Problemas sempre existirão. A ABEM foi criada justamente para garantir esse espaço de convivência democrática onde problemas são debatidos e soluções são buscadas. A organização cresceu e hoje é uma jovem saudável de vinte anos, que contribui para construir coletivamente esse conhecimento como uma sub-área séria, produtiva e prospectiva, junto a uma comunidade brasileira de professores de música, caracterizados pelo respeito mútuo e pelo apoio à grande diversidade acadêmica e popular, da cultura musical brasileira e mundial.

Pensadores de várias áreas de atuação crêem nas possibilidades criativas, inovadoras, produtivas e sócio-relacionais do ser humano. Como trabalho em especial com conexões, pontes, articulações, trago aqui, uma afirmativa de Steve Jobs, que fala sobre a importância da pessoa usar a sua habilidade em conectar os pontos importantes dentro da realidade que o cerca. Ele pontua a necessidade de articular suas observações, olhando para trás, ou seja, para o passado.

"Novamente, você não pode conectar os pontos olhando para a frente; você só consegue conectá-los olhando para trás. Então você tem de confiar que os pontos de alguma forma se conectarão no seu futuro. Você tem de confiar em algo – seu instinto, destino, vida, carma, o que for. Esta abordagem nunca me desapontou, e fez toda diferença na minha vida."⁷

Tomando a ideia de Jobs como referência, refletimos sobre a nossa associação: a ABEM tem hoje a missão de ligar os pontos do passado para conectar-se no futuro a outros pontos importantes no seu contexto de atuação: pessoas, repertórios, especialidades dentro da música, instituições, culturas, para consolidar cada vez mais a área de ensino de música no Brasil e no globo.

FIGURA 1

Poster da VI SEMANA DE
EDUCAÇÃO MUSICAL
(UFBA) – edição
comemorativa dos 10
anos de criação do evento
em Salvador, Bahia, UFBA,
1990.



7. "Again, you can't connect the dots looking forward; you can only connect them looking backwards. So you have to trust that the dots will somehow connect in your future. You have to trust in something — your gut, destiny, life, karma, whatever. This approach has never let me down, and it has made all the difference in my life." Steve Jobs, palestra realizada no CEO da Apple Computer and of Pixar Animation Studios, em 12 de Junho de 2005, <http://news.stanford.edu/news/2005/june15/jobs-061505.html>.

FIGURA 2

Capa e logomarca dos
Anais do I ENCONTRO
LATINO AMERICANO DA
ISME-ABEM-1997

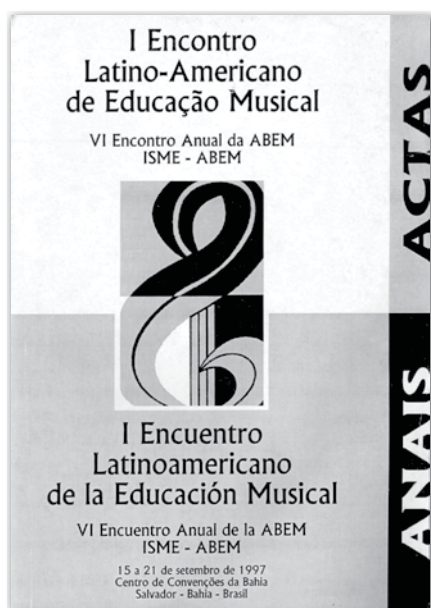
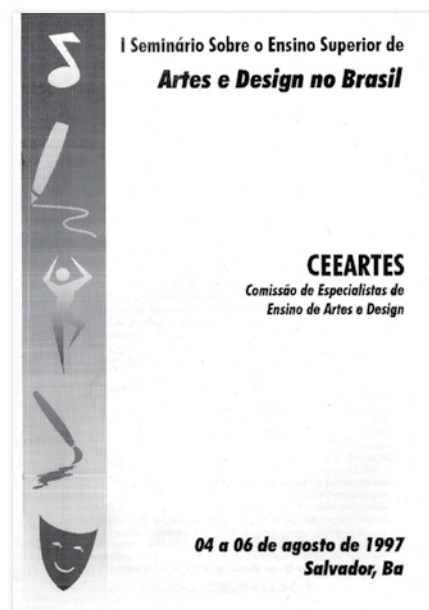


FIGURA 3

Capa dos Anais do I Seminário sobre o
Ensino Superior de Artes e Design no Brasil,
realizado pela Comissão de Especialistas de
Artes e Design em Salvador, Bahia, de 4 a 6
de agosto de 1997.



Nota

Alda Oliveira, membro fundador da ABEM, é PhD em Educação Musical pela Universidade do Texas em Austin, EUA, com Mestrado em Artes (Composição e Educação Musical) pela Universidade TUFTS, em Medford, Boston, EUA e título Housewright Scholar pela Universidade da Flórida, EUA. Pesquisadora 1A do CNPq, com Bolsa de Produtividade durante vários anos, foi Diretora da Escola de Música da UFBA (1992-1996) e Presidente da Comissão de Especialistas em Artes e em Música na SESU/MEC. Professora Orientadora no Programa de Pós-Graduação em Música da UFBA, Diretora de Produção Artística do Centro de Produção, Documentação e Estudos de Música – SONARE, membro do Conselho Editorial Internacional do British Journal of Music Education, Londres. Atualmente dedica-se ao desenvolvimento da abordagem PONTES para formação de professores reflexivos para a prática do ensino de música em contextos formais e informais e participa do grupo internacional da pesquisa Canadense AIRS.